

# A PALAVRA-CHAVE CULTURA E SEUS CONTEXTOS DE USO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO JORNALÍSTICO ONLINE

Daniele de Oliveira  
Carlos Magno Pinheiro Barreto Junior

**Resumo:** A Análise Crítica do Discurso (ACD) considera a linguagem como momento irreduzível das práticas sociais e sua principal atividade crítica consiste em tornar visível as relações de poder. Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo analisar a comodificação (Fairclough, 2001) dos discursos sobre cultura, bem como refletir sobre o contexto de uso da palavra-chave *cultura* e sua relação com o carnaval de Salvador. Foi delimitado um *corpus* de 22 textos publicados no mês de fevereiro de 2016 no site do jornal baiano *Correio*, atentando para o aparecimento da palavra-chave *cultura*. A categoria analítica utilizada foi, sobretudo, uma análise semântica da palavra, pensando na relação entre seu contexto de uso e possíveis pressuposições ideológicas. Após a análise, pode-se afirmar (i) que não há um consenso semântico quanto ao uso da palavra *cultura*; (ii) que o termo foi usado como um fator de coesão; (iii) que o carnaval é representado nesse discurso sem ampla participação social, e que não há questionamentos quanto a problemas estruturais da festa e (iv) que houve uma tendência em aproximar o vocabulário da economia com o que é dito sobre *cultura*.

**Palavras-chave:** Cultura. Discurso. Jornalismo online. Prática social.

**Abstract:** Critical Discourse Analysis (ACD) considers language as an irreducible moment of social practices and its main critical activity is to make visible the relations of power. Thus, this research had as objective to analyze the commodification (Fairclough, 2001) of discourses on culture, as well as to reflect on the context of use of the keyword *culture* and its relation with the carnival of Salvador. A *corpus* of 22 texts published in the month of February 2016 was delimited on the website of the Bahia newspaper *Correio*, looking for the emergence of the keyword *culture*. The mainly analytical category used was a semantic analysis of the word, thinking about the relation between its context of use and possible ideological presuppositions. After the analysis, it can be affirmed (i) that there is no semantic consensus regarding the use of the word *culture*; (ii) that the term was used as a cohesion factor; (iii) that carnival is represented in this discourse without broad social participation, and that there are no questions about the structural problems of the party and (iv) that there was a tendency to bring the vocabulary of the economy closer to what is said about culture.

**Keywords:** Culture. Speech. Online journalism. Social practice.

## Introdução

---

· Professora do Departamento de Letras Vernáculas, Instituto de Letras, UFBA, Salvador, Bahia, Brasil, danieleoliveira99@gmail.com

· Graduando do curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, UFBA, Salvador, Bahia, Brasil, magnocarlos3232@gmail.com

Este artigo toma como ponto de partida os pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso (ACD), enquanto ciência crítica, voltada para a análise do discurso jornalístico online<sup>1</sup>. Ademais, o artigo tem como objetivo geral indicar aspectos linguísticos que compõem os problemas sociais, evidenciando a relação entre fenômenos linguísticos e fenômenos sociais e, sobretudo, indicar o caminho para a solução de tais problemas, através da interpretação dos textos com categorias de análises específicas e com um posicionamento crítico e político explícito, seguindo a linha dos trabalhos de Fairclough (1989, 2001, 2003).

Sob a égide desses trabalhos e do problema central da ACD, o artigo está dividido em quatro partes: no item 2, será discutido o que se entende por *ciência*, bem como os principais pressupostos teóricos da ACD, e conceitos caros para o desenvolvimento geral da pesquisa. Em seguida, será exposta a metodologia utilizada para a seleção e análise do *corpus*, no item 3. No item 4, será exposta a análise dos textos selecionados, tendo em vista a perspectiva crítica da teoria. E, por fim, a conclusão, onde serão apresentados os principais resultados da pesquisa e uma reflexão sobre esses resultados.

Por se tratar de uma ciência crítica, a Análise Crítica do Discurso não se propõe a criar verdades absolutas, mas, ao contrário, propõe uma crítica aos mecanismos de dominação, através de uma análise socialmente engajada, que não almeja a verdade em si. Então, esta reflexão, em consonância com os propósitos da ACD, visa o empoderamento e a crítica.

### **Ciência, discurso, ideologia, hegemonia e cultura**

O primeiro ponto a ser tratado é entender o que é *ciência* e ao que a Análise Crítica do Discurso se propõe enquanto ciência crítica. Esta reflexão é tão essencial quanto os conceitos-base para a pesquisa em ACD – discurso, ideologia e hegemonia – pois foi o que norteou este trabalho. Além disso, mais adiante, será necessário fazer uma discussão mais aprofundada sobre como foi abordado o termo cultura e suas implicações no corpus da pesquisa.

Para refletir o caráter científico da ACD, é interessante fazer uma aproximação sucinta com o conceito de ciência como uma coisa *viva*, de Charles Sanders Peirce (1983). Como afirma Fairclough, a atividade crítica da ACD “consiste, essencialmente, em tornar visível a natureza interligada das coisas” (FAIRCLOUGH, 1985 apud WODAK, 2004, p. 225). Levando em consideração os objetivos da ACD e seu objeto de análise, tal estudo deverá estar

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

interessado em analisar a linguagem como um fenômeno social e evidenciar as formas pelas quais a linguagem atua na estruturação das relações de poder em uma sociedade, assumindo, assim, uma posição politicamente engajada e, sobretudo, crítica da realidade social (WODAK, 2004).

Desta maneira, é possível pensar a ACD como uma área não disciplinar, que está aberta à interdisciplinaridade, que não detém a *última palavra* sobre qualquer assunto. Primeira evidência deste pensamento é o fato de a ACD não estar preocupada em desenvolver uma demonstração incontestável sobre seu objeto de estudo, mas, ao contrário, seus analistas se preocupam em desenvolver uma interpretação socialmente engajada, que de forma alguma será absoluta (RESENDE; RAMALHO, 2011). Isso faz ser possível fazer uma aproximação com a ideia de ciência como coisa *viva*, desenvolvida por Peirce (1983), quando faz uma crítica à prática científica de sua época. Para isso, o autor propõe que a ciência que busca a informação, a produção de um conhecimento novo, parta do estado da dúvida gerada por um primeiro contato com o fenômeno, para posteriormente chegar ao estado da crença, estado que não deve ser tido como absoluto. Assim, Peirce (1983) acentua a importância da observação dos fenômenos para o desenvolvimento de uma nova ciência, que não tem o interesse apenas em verificar a veracidade das coisas, mas de ser capaz, a partir da observação, de criar generalizações que expliquem os fenômenos. Para o autor: “em suma, ‘generalidade envolve a ideia de variações possíveis que não pode ser esgotada por nenhuma multiplicidade de coisas existentes’” (PEIRCE, 1983, p. 31).

Levando em consideração o caráter analítico e crítico da ACD, bem como o fato de um dos paradigmas desta ciência ser o entendimento da linguagem como um fenômeno social, pode-se entender o porquê da ACD ter uma visão não dogmática sobre o fenômeno, seu objeto, admitindo a complexidade da linguagem e as visões multifacetadas que a própria linguagem permite. Assim, a ciência não é apenas um método ou teoria que visa a confirmação de determinada premissa, mas sim, um caminho a ser seguido, cujo ponto de partida é o fenômeno e o ponto de chegada é a certeza de que o conhecimento adquirido não é absoluto.

O principal material empírico para a ACD é o texto. É necessário pensar o texto como uma materialização de estruturas abstratas, como a língua, e também como um evento discursivo e social em que é realizada a prática comunicativa básica entre pessoas. O texto faz parte de eventos sociais, como a realização de um conjunto de práticas sociais, que emergem do sistema linguístico como potencial. Este sistema linguístico abstrato funciona como um

conjunto de possibilidades para a realização de alguma ação que envolva a linguagem – como representar as coisas do mundo e mediar a comunicação entre os sujeitos.

A linguagem, e mais especificamente a língua, pode ser considerada em meio a estruturas sociais, tendo suas possibilidades de uso e não-uso, e no modelo da ACD proposto por Fairclough (2003), também pode ser considerada como elemento que integra processos sociais. De acordo com o autor, a noção de *prática social* permite uma aproximação entre estrutura e ação em que, por um lado, a prática é uma maneira relativamente estável de agir e, por outro, é uma forma de agir e interagir que reproduz estruturas sociais ou as transforma. Então, é importante para a ACD a relação entre a língua (dentre outros sistemas semióticos) e os elementos que integram toda prática social.<sup>2</sup> Dessa forma, o discurso passa a ser visto como: “o momento integrante e irreduzível das práticas sociais que envolve a semiose/linguagem em articulação com os demais momentos das práticas: fenômeno mental, relações sociais e mundo material” (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 16). O *discurso* é, pois, uma unidade básica das práticas sociais (WODAK, 2004) e é um mediador entre o sistema linguístico e os eventos sociodiscursivos, isso justifica o fato de o texto, enquanto materialidade dessas práticas sociodiscursivas, ser o principal material empírico para a ACD.

Fairclough (2003) elenca três elementos constituintes do discurso e que fazem essa mediação entre o sistema linguístico e os eventos sociais. São eles: Discurso, Gênero e Estilo. Esses elementos são partes de redes de práticas sociais, denominadas por Fairclough (2003) como *ordens do discurso*, conceito esboçado primeiramente por Foucault. Ao abordar o conceito de ordens do discurso, Foucault (2005; 2014a; 2014b) defende que as instituições sociais de controle, como hospitais e prisões, utilizam práticas discursivas como dispositivos de seleção e rarefação dos discursos e dos sujeitos, ou seja, práticas discursivas também exercem poder. A ACD operacionaliza “a teoria foucaultiana, entre várias outras, a fim de aprimorarem a concepção de linguagem como parte irreduzível da vida social” (RESENDE; RAMALHO, 2016, p. 20), focando na relação dialética entre estruturas sociais/semióticas e práticas sociais; pensando as práticas discursivas inseridas em redes de práticas sociais. Então, as ordens do discurso podem ser vistas como uma organização social e de controle das variações linguísticas, que permite a movimentação de uma estrutura mais abstrata, como estrutura semiótica e social, para eventos concretos, como o texto.

---

<sup>2</sup> Fairclough (2003) afirma que toda prática inclui os seguintes elementos: atividade produtiva, meios de produção, relações sociais, identidades sociais, valores culturais, consciência e semiose.

O discurso se caracteriza como uma forma particular de representar a linguagem interconectada com outros elementos que não são linguísticos. É justamente nesta mediação, entre elementos linguísticos e não-linguísticos que atuam as ordens do discurso. Os gêneros são formas de agir e interagir, os discursos são formas de representações particulares do mundo material e estilos são formas de se representar, de representar identidades pessoais (FAIRCLOUGH, 2003). As ordens do discurso acontecem de forma simultânea no texto e configuram, juntos, uma rede de práticas sociais.

É através do discurso, enquanto prática social, que modos particulares de ver o mundo são veiculados como verdades universais, de modo que o discurso é usado como meio de expressar e construir relações de dominação. Assim, as ordens do discurso atuam nesta construção, através de formas específicas de agir, interagir, de representar o mundo e se representar no mundo (FAIRCLOUGH, 2003). É a partir destes mecanismos que se torna possível analisar os discursos nos textos. É também através destes mecanismos que o discurso pode ser ideológico e, conseqüentemente, sustentar e legitimar relações desiguais de poder na sociedade. Para a ACD, portanto, é necessário identificar estas formas ideológicas e fazer uma avaliação crítica, tendo em vista a emancipação e o empoderamento social.

Entende-se a *ideologia* a partir da concepção introduzida por Thompson (2011). Ele diz: “por isso, proponho conceitualizar ideologia em termos das maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 2011, p. 79). Há uma separação entre ideologia e formas simbólicas aqui, mesmo que as ideologias possam ser consideradas também como formas simbólicas. As formas simbólicas funcionam como articuladoras e constitutivas das relações sociais, ou seja, são formas que permitem e mediam as relações dos indivíduos entre si e o mundo, a própria linguagem (THOMPSON, 2011). No entanto, Thompson (2011), que admite uma pluralidade de conceitos para ideologia, propõe conceituar ideologia como uma forma simbólica cujo sentido serve essencialmente para estabelecer e sustentar relações de poder. Assim, é estabelecido uma diferença entre os grupos que compartilham uma determinada ideologia dominante e os grupos subalternos e dominados, e esta relação desigual de poder é legitimada e difundida através do discurso.

O discurso está totalmente ligado à manutenção do status quo de um grupo hegemônico, pensando em *hegemonia* nos termos de Gramsci (1999), como um poder temporário de determinado grupo dominante sobre outros grupos. É neste meio que a mídia se torna, por parte destes grupos hegemônicos, um poderoso instrumento de difusão e universalização de uma representação particular do mundo – especificamente a do grupo que

detém o poder hegemônico – que naturaliza uma situação de dominação através do discurso. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no século XX, houve a possibilidade de uma difusão ainda maior dos ideais de uma determinada classe social, a que detém estes meios e também os que tem acesso e influência sobre os meios, mas não são donos, como os políticos<sup>3</sup>.

Antes de terminar a seção, será feita uma breve apresentação de como foi abordado o termo *cultura*, discussão que será retomada mais adiante. Considerando-se o que Fairclough (2001) denomina as três tendências de mudança discursiva nas sociedades pós-modernas de: *democratização*, *comodificação* e *tecnologização*, o foco desta pesquisa foi sobre a *comodificação*, que é concebida como a colonização de discursos por tipos discursivos associados com a produção de bens e consumo. Este foco foi interessante no sentido de averiguar essa tendência de mudança discursiva atual e no sentido de saber o que está sendo dito sobre cultura por um grande jornal da cidade de Salvador; e se esse discurso se enquadraria nesta tendência mais geral da *comodificação*. Tendo em vista a perspectiva crítica da ACD, é interessante trazer o questionamento inicial feito por Paulo Lima no livreto *Cultura e democracia*, de Marilena Chauí: “o que é o brasileiro, o que é o Brasil - como se houvesse um objeto uno e inteiriço assim chamado (cultura brasileira)?” (CHAUÍ, 2009, p. 17). Sendo assim, a abordagem adotada é a da cultura como um espaço heterogêneo em si próprio, espaço do diverso, do múltiplo e sobretudo da disputa, sempre em relação com outras instâncias da vida social.

Portanto, o termo *cultura* foi abordado a partir dos contextos de uso, tentando encontrar evidências de como é construído o discurso sobre cultura e se este discurso se encaixa numa tendência atual de *comodificação* dos discursos.

## **Metodologia**

Qualquer pesquisa em ACD tem como principal material empírico o texto (RESENDE; RAMALHO, 2011). Como esta pesquisa teve o objetivo de analisar o discurso do jornal *online Correio*, foi delimitado um *corpus* de textos publicados no mês de fevereiro de 2016, já que foi o mês em que ocorreu o carnaval em Salvador. Para a seleção do *corpus* foi feita uma busca/pesquisa pela palavra-chave *cultura* no buscador do *site* do *Correio*, e copiados para o *Word* todos os 99 textos publicados nesse mês. Em seguida, foram

---

<sup>3</sup> No caso do Brasil, muitos políticos controlam as mídias nos estados que os elegem.

selecionados os textos em que o termo *cultura* foi mais recorrente, restando 22 textos para análise.

Delimitado o corpus para a análise dos textos, na pesquisa foram utilizadas categorias linguísticas que, segundo Resende; Ramalho (2011), funcionam como mecanismos para a investigação social, pois como foi dito pelas autoras, para a ACD a linguagem constitui a unidade básica de interação social. Assim, tais categorias apontam alguns aspectos do nível discursivo do texto que evidenciam aspectos do nível social, mantendo uma relação de proximidade entre esses níveis. Ou seja, a linguagem como momento irredutível da interação social não pode ser separada de sua função principal: a social.

Existem diversas categorias linguísticas que foram desenvolvidas dentro dos estudos em ACD, no entanto, nesta pesquisa utilizou-se a análise semântica do termo *cultura*, indagando quais discursos podem ecoar no texto, se há um conflito entre elas e se elas ajudam a sustentar relações de dominação. Para tal empreendimento, foram utilizadas como suporte as propostas de Fairclough (2001) e sua discussão sobre intertextualidade e interdiscursividade, já que um dos objetivos da pesquisa é perceber se há a *comodificação* do discurso sobre a cultura.

### **A palavra-chave *cultura* no discurso do jornal *Correio***

A análise teve como um dos objetivos perceber pelo menos dois pontos: o primeiro era observar o que foi dito sobre cultura no discurso do jornal *Correio*, se este termo possui mais de um sentido, e o segundo foi verificar se há a tendência à mudança discursiva discutida por Fairclough (2001), a *comodificação*. O mês de fevereiro foi escolhido para que fosse observada a relação entre a utilização da palavra *cultura* e o carnaval.

Primeiramente, foram analisados os campos semânticos que mais se distanciavam dos objetivos gerais da pesquisa. É interessante perceber que pelo grande número de sentidos que a palavra adquire no discurso jornalístico, há uma falta de consenso no que diz respeito ao seu significado, o que mostra uma certa *elasticidade* do próprio termo, no sentido de que é possível se pensar a *cultura* através de diversos sentidos. Assim, antes de expor a análise, será discutida a evolução histórica do termo, mostrando que *cultura* é uma palavra que historicamente recebeu diversos sentidos e isso, de certa forma, reverbera até hoje. Segundo Marilena Chauí:

Vinda do verbo latino colere, na origem cultura significa o cultivo, o cuidado. Inicialmente, era o cultivo e o cuidado com a terra, donde agricultura; com as crianças, donde puericultura; e com os deuses e o sagrado, donde culto. Como cultivo, a cultura era concebida como uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; era fazer brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios. (CHAUÍ, 2009, p.24)

Com o decorrer do tempo, a partir da filosofia iluminista entre os séculos XVII e XVIII, o termo ressurgiu relacionado com o conceito de *civilização* e com a ideia que se tem de vida civilizada. Nesse período, *cultura* surge como refinamento das maneiras e do intelecto, como um verdadeiro indicador do grau de *civilidade* de um determinado povo (CHAUÍ, 2009). Este conceito iluminista irá influenciar, mais tarde no século XIX, a concepção da antropologia. Neste sentido, no estudo antropológico do século XIX, foi estabelecido uma referência para se medir o grau de uma cultura de um determinado povo e esta referência, evidentemente, era a Europa capitalista:

As sociedades passaram a ser avaliadas segundo a presença ou a ausência de alguns elementos que são próprios do Ocidente capitalista, e a ausência desses elementos foi considerada sinal de falta de cultura ou de uma cultura pouco evoluída. (CHAUÍ, 2009, p. 25)

Desta maneira, as culturas começaram a ser avaliadas sob a égide dos valores da Europa ocidental, o que certamente tornava o estudo antropológico da época um estudo etnocêntrico, e sem falar que a avaliação de um povo como sendo sem cultura ou de uma cultura primitiva, justificava a colonização e o genocídio provocados nas invasões europeias na América e na África, por exemplo.

No entanto, ainda no século XIX: “sobretudo com a filosofia alemã, a ideia de cultura sofre uma mutação decisiva porque é elaborada como a diferença entre natureza e história. A cultura é a “ruptura da adesão imediata à natureza” (CHAUÍ, 2009, p. 26).

A partir do século XX, bebendo desta fonte alemã, o termo:

*cultura* passa a ter uma abrangência que não possuía antes, sendo agora entendido como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade,



dos instrumentos e das formas do trabalho, dos modos da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais – particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família – das relações de poder, da guerra ou da paz, da noção de vida e morte (CHAUÍ, 2009, p. 28).

Por fim, cabe refletir sobre a noção de *cultura* introduzida pela indústria cultural, também discutida por Marilena Chauí no livro *Cultura e democracia*. Segundo a filósofa (2009), a indústria cultural define a cultura como lazer e entretenimento, tornando a cultura um bem vendável, que gera lucros e fomenta o mercado capitalista. É perceptível a pluralidade de noções para o termo, o que evidencia sua elasticidade. A análise do *corpus* mostra exatamente isto: a falta de consenso quanto a um significado específico e único para o termo no discurso do jornal Correio.

O primeiro campo semântico analisado é cultura como um requinte, como uma elevação do intelecto e um refinamento das maneiras. Apesar desse sentido para o termo aparecer somente uma vez no *corpus*, sabe-se que no senso comum esse sentido é muito recorrente. Basta lembrar-se das inúmeras vezes em que se ouve a associação entre um intelectual a um ser *dotado* de cultura, e a dissociação entre o indivíduo sem estudo e a cultura. Como é dito por Chauí (2009), *cultura* como um refinamento do intelecto remete ao iluminismo do século XVII, no entanto essa noção perdura até o presente momento. A expressão da sobrevivência deste uso pode ser vista na seguinte passagem:

(1) A sede sexual, quando excessiva, pode matar ou levar ao psicanalista. A cultural alimenta a alma e faz cócegas no intelecto. (02/02/2016)

Neste trecho a *sede cultural*, a ânsia pela cultura, está ligada à alma e ao intelecto.

O segundo campo semântico que apareceu no *corpus* também foi pouco recorrente. Trata-se da palavra *cultura* sendo utilizada como critério classificatório, como algo que é *pertinente*, para usar o termo colocado em uma das reportagens. Este sentido se aproxima bastante de uma definição discutida por Marilena Chauí (2009), em que a antropologia do início do século XIX usava o termo *cultura* como critério de avaliação do grau de civilidade de determinado lugar. Vale lembrar: o critério para esta avaliação era sempre a comparação com os modelos e valores europeus. Pode-se pensar na dicotomia que este sentido cria:

cultura X não cultura, e no problema de quem é que dita o que não é e o que é cultura (geralmente a classe que pertence a uma elite). Como vemos no exemplo 2:

(2) Para Leandro, o universo que representa a cantora está muito bem inserido em uma cultura “pertinente e fundamental com o Brasil autêntico”, que não segue modelos internacionalizados. (02/02/2016)

Existe uma cultura *pertinente e fundamental com um Brasil autêntico*? Pertinente aqui está caracterizando cultura, e sugere que há outras culturas que não são pertinentes, o que reacende as discussões sobre o que é cultura e o que não é cultura.

(3) Ela [Maria Bethânia] expressa o que de há de melhor no Brasil em termos culturais”, disse. (09/02/2016)

Nesse trecho de uma reportagem que trata da vitória da Mangueira no desfile de carnaval do Rio de Janeiro, temos a fala do então Ministro da Cultura, Juca Ferreira. Aqui vemos ainda mais claramente o termo *cultura* sendo utilizado como critério classificatório já que, para o Ministro, e para um grande número de pessoas, existem critérios culturais de avaliação de uma determinada cultura. Uma pergunta pertinente seria: Quais são esses critérios? Definidos por quem?

O terceiro campo semântico a ser tratado foi mais recorrente no corpus do que os anteriores, trata-se de cultura como um hábito, ou que remete a uma memória ancestral de um povo, modo de vida de uma comunidade ou como forma de identificar uma cultura específica (daí o termo sempre aparecer acompanhado de um especificador). Este sentido para o termo condiz com o que Marilena Chauí (2009) chama de um sentido mais abrangente para o termo cultura, que surge entre o século XIX e XX, com a filosofia alemã:

(4) Para eles, o Carnaval não é só uma festa onde muita gente pula atrás do trio elétrico. A folia tem outro significado: é mais uma afirmação da sua identidade e da cultura afro-brasileira. “A nossa dança é muito linda assim como a minha história. O negro é a coisa mais bonita de se ver”, afirma a Rainha do Azeviche do Muzenzinha, Geovana Rebeca Chagas, de 6 anos. (07/02/2016)

Aqui, o termo aparece remetendo à cultura afro-brasileira, remete a uma raiz histórica e a identificação com esta raiz. Esta matéria fala sobre o bloco Afro Malê Debalê, que foi criado com inspiração na Revolta dos Malês, levante de negros mulçumanos que aconteceu em 1835, em Salvador. Outro exemplo:

(5) Para a coordenadora do Observatório da Lei Maria da Penha, Márcia Tavares, o assédio sofrido pela repórter é um reflexo de uma cultura que não percebe a mulher como sujeito. “Ela é percebida como objeto. O corpo da mulher é visto como um objeto sem a possibilidade de dizer sim ou não”, explicou. (16/02/2016)

Já em 5, *cultura* aparece como um hábito enraizado em uma sociedade machista, hábito que guia a ação de muitos indivíduos, reflexo de uma sociedade que inferioriza e sexualiza a mulher.

(6) É importantíssimo que eles aprendam o que ultrapassa os limites da língua e a cultura, principalmente os valores da cultura japonesa: o respeito à diversidade, ao meio ambiente, uma cultura de paz. (16/02/2016)

Nesse trecho o termo aparece três vezes, e também se encaixa no campo semântico de cultura como um hábito ou memória ancestral de um dado país ou grupo de pessoas. Aqui, *cultura* é a produção de valores, modos de agir de um determinado povo, e que nesse caso serve de exemplo para outros povos.

Uma coisa que é interessante perceber é a falta de assuntos polêmicos que girem em torno dessa noção de cultura. A partir da leitura do *corpus*, tem-se a impressão de que quando se trata dos hábitos, valores de outra cultura, ela é respeitada, e convive pacificamente com as demais. Talvez ocorra um apagamento das diferenças que são gritantes, e isso se evidencia para além deste campo semântico, como se o jornal tivesse o intuito de mostrar que não há uma tensão entre as diferenças culturais no Brasil

O quarto campo semântico analisado foi o de *cultura* como algo estanque, que é invariável, que leva o leitor a pensar em uma certa unidade, ao invés de se pensar *cultura* como um substantivo coletivo, que é plural em si mesmo. A partir desse uso surgem

perguntas como: é possível pensar em uma unidade para a cultura baiana? Quem são seus representantes, senão todos os baianos? O que é cultura popular, senão toda e qualquer manifestação cultural do próprio povo? *Popular* é usado em qual sentido? É pejorativo? Sobre cultura popular Chauí (2009) diz:

Ora, cultura popular também não é um conceito tranquilo. Basta lembrarmos os três tratamentos principais que ela recebeu. O primeiro, no Romantismo do século XIX, afirma que cultura popular é a cultura do povo bom, verdadeiro e justo, ou aquela que exprime a alma da nação e o espírito do povo; o segundo, vindo da Ilustração Francesa do século XVIII, considera cultura popular o resíduo de tradição, misto de superstição e ignorância a ser corrigido pela educação do povo; e o terceiro, vindo dos populismos do século XX, mistura a visão romântica e a iluminista; da visão romântica, mantém a ideia de que a cultura feita pelo povo é, só por isso, boa e verdadeira; da visão iluminista, mantém a ideia de que essa cultura, por ser feita pelo povo, tende a ser tradicional e atrasada em relação ao seu tempo, precisando, para atualizar-se, de uma ação pedagógica a ser realizada pelo Estado ou por uma vanguarda política.” (CHAUÍ, 2009, p. 32).

Como fica evidente, existem algumas concepções para o termo cultura popular. Pode-se perguntar se há uma tendência a universalizar a cultura no seguinte trecho:

(7) Os estilistas Márcia Ganem e Wilson Silva explicam que a fantasia do bloco, durante todo o Carnaval, reflete a identidade do grupo percussivo. A estampa abusa das cores e remete à cultura popular e à indumentária indígena. (05/02/2016)

Em (7), o primeiro problema seria precisar a qual cultura popular a estampa da blusa remete, o que já justifica a inserção deste exemplo no campo semântico escolhido, já que dentre todas as possibilidades de culturas populares está se falando de uma única. Seria a cultura indígena? Se for, qual povo indígena? Não existe uma unidade assim chamada *cultura indígena* e, inclusive, esse tratamento remete a um etnocentrismo ao qual os diversos povos indígenas sempre foram acometidos no Brasil.

Para além do problema de se tratar a cultura nordestina como algo uniforme e homogêneo, como se existisse apenas uma cultura nordestina, uma forma de expressão da cultura, é interessante perceber uma predileção do jornal em dar a voz apenas a grandes artistas, como se eles fossem os únicos porta-vozes de uma cultura, diversa em si mesma. E os

atores sociais anônimos? E aqueles que põem em movimento e dão vida a isso que se chama cultura? Em quase nenhuma reportagem estes atores aparecem.

(8) “Sinceramente, não gosto dessa invasão de ritmos no Carnaval. Acho que é preciso valorizar a cultura baiana”. (04/02/2016)

Em (8), tem-se a fala de uma cantora chamada Márcia Freire, em que faz uma crítica ao que ela chama de *invasão de ritmos* no carnaval de Salvador. Ora, a cantora coloca a necessidade de valorizar a cultura baiana como uma forma de evitar a invasão de ritmos no carnaval, mas seria, então, a cultura baiana composta de uma só expressão musical? Por exemplo, o rock nasceu nos EUA, tocar músicas de rock em eventos no Brasil seria uma desvalorização da cultura local? Cria-se uma dicotomia entre a valorização de uma determinada cultura e todas as misturas e diversidades a que essa determinada cultura está sujeita. Além disso, atualmente existe um contexto bastante dinâmico no que diz respeito a interações entre culturas diferentes – o próprio estilo musical comumente relacionado com o carnaval deve ser considerado como um estilo que mudou ao longo dos anos, e que provavelmente incorporou aspectos de outros estilos musicais. Além disso, parece haver um intuito da cantora em retomar um espaço que anteriormente pertencia apenas ao axé, e que agora tem que ser disputado com essa invasão de ritmos.

Um conceito interessante para pensar no oposto da ideia de homogeneizar a cultura foi cunhado por Canclini (2011), *culturas híbridas*, e trata basicamente de uma mistura entre culturas diferentes, em que as barreiras dessas diferentes culturas se tornam fluidas e há intensas trocas entre elas. Isso, de acordo com o autor, remete a uma heterogeneidade cultural que é uma das grandes marcas da atualidade.

O quinto campo semântico para a palavra *cultura* expressa a ideia de pluralidade cultural, de convívio pacífico entre as culturas. Este campo semântico está relacionado ao carnaval e reforça a ideia de que a festa é um encontro pluriétnico, *multicultural* (termo utilizado na reportagem “Com cortejo de 16 atrações, abertura oficial do Carnaval acontece pela 1ª vez na quarta”, 03/02/2016), em que a diversidade aparentemente convive de forma pacífica e democrática.

Tem-se a noção de que no carnaval de 2016 as autoridades públicas proporcionaram uma democratização da festa, passa-se a ideia de um carnaval singular que devido ao fato de haver uma pluralidade de atrações artísticas e um maior incentivo ao folião-pipoca, a festa

estaria sendo *democratizada*. No entanto, não se fala de políticas que realmente visem uma inclusão democrática e pouco se fala em diálogo entre a sociedade e as autoridades para se construir uma política inclusiva no carnaval.

Então, parece que no fim das contas essa política de democratização do carnaval é um feito apenas da prefeitura e do governo do estado, que proporcionam ao povo uma festa com ampla inclusão social e cultural, mas que na verdade essa inclusão se resume basicamente a uma diversidade de atrações musicais e ao fato da prefeitura levar a festa para alguns bairros periféricos. A predileção por atores sociais privilegiados para tratar desta democratização da festa, como o presidente da Saltur, governador do estado, prefeitura, revela o caráter antidemocrático com que as políticas culturais vêm sendo tratadas no Brasil.

Assim, foi feita uma análise mais sistemática da reportagem referida acima porque nessa reportagem se fala mais especificamente e mais demoradamente do carnaval associado ao termo *multicultural*. No entanto, vale ressaltar que a construção desse carnaval pluriétnico, singular e sem desigualdades é construído também nas demais reportagens em que o carnaval aparece como tema importante.

Uma análise do significado representacional, proposto por Fairclough e discutido por Resende (2006), a partir de uma releitura da metafunção ideacional<sup>4</sup>, proposta por Michael Halliday, põe em evidência a afirmação anterior de que há uma predileção do jornal em representar atores sociais como: Isaac Edington (presidente da Saltur<sup>5</sup>), prefeito ACM Neto, governador Rui Costa, Nivaldo Nery (Rei Momo<sup>6</sup>), Carlinhos Brown, etc. Foi feita uma análise de todas as orações da reportagem a partir do sistema de transitividade, discutida por Fuzer; Cabral (2014), para ter-se uma noção de como se dá “a construção da experiência em termos de configuração de processos, participantes e circunstâncias” (p. 33). A voz que mais apareceu na reportagem, cuja manchete se intitula: “Com cortejo de 16 atrações, abertura oficial do Carnaval acontece pela 1ª vez na quarta”, foi a do presidente da Saltur, através de citação direta ou de relatos:

(9) “A gente viu o que foi o pré-Carnaval e como o público se fez presente. O Fuzuê estava lotado e o Furdunço teve o dobro de pessoas do ano passado, o que nos

---

<sup>4</sup> Segundo Fuzer; Cabral (2014, p. 32), “metafunções são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua”. A metafunção ideacional é aquela manifestação da linguagem responsável pela representação de mundo.

<sup>5</sup> Empresa Salvador Turismo

<sup>6</sup> O Rei Momo é um personagem da mitologia grega que se tornou símbolo do carnaval da Bahia. É o personagem que todos os anos recebe do prefeito a chave da cidade.

mostra o quanto o folião aguarda ansioso pelo início da festa”, pontuou Edington (03/02/2016)

(10) Segundo o presidente da Saltur, a abertura será um momento simbólico e histórico. “Terá espaço para tudo: fanfarras, blocos de trio, blocos percussivos, baianas, entre outras atrações. É uma representação do que é o Carnaval de Salvador - o maior carnaval de rua do mundo e que não tem comparação com outros, tanto pela quantidade de público, quanto pela diversidade de estilos”, disse. (03/02/2016)

Em (9) tem-se um processo verbal (*pontuou*) e uma citação da fala do presidente da Saltur. Em (10) tem-se um processo relacional, utilizado para caracterizar o carnaval (*será*) e o uso de uma circunstância de ângulo (*Segundo o presidente da Saltur*) e um processo verbal (*disse*) e uma citação da fala do presidente da Saltur. Essas orações foram construídas de forma que o discurso desse ator social ficasse em evidência no texto.

A reportagem reforça ainda mais a distância social entre os atores privilegiados e os atores sociais comuns, que não ocupam um lugar de destaque na sociedade. Em termos de processos e circunstâncias, esse carnaval não é construído pelo povo, mas sim por esses atores privilegiados. Além disso, é sabido que há uma situação degradante, que envolve grande parte das pessoas que trabalham na festa (os cordeiros são um exemplo<sup>7</sup>), com jornadas de trabalho que chegam a quase 12 horas e o pagamento de um valor irrisório pelo trabalho dessas pessoas. Então, o questionamento é: a até que ponto a ideia de multiculturalidade como uma política de proteção e valorização das culturas, principalmente das minorias sociais, é utilizada para vender um carnaval democrático?

(11) Um encontro multicultural com um pouco de tudo o que vai acontecer no Carnaval. Assim será a abertura oficial da folia momesca, que começa hoje, às 18h, no Centro Histórico. (03/02/2016)

Nesse trecho, tem-se o uso do termo *multicultural* relacionado a um encontro plural e que envolve a representação de múltiplas identidades culturais. Para além da crítica ao uso do termo, que se vê muito claramente na filosofia e mais recentemente nas teorias da cultura, o uso desta palavra na reportagem remete apenas ao fato dos organizadores da festa trazerem diversos estilos musicais.

---

<sup>7</sup> Cordeiros são homens e mulheres contratados para segurarem as cordas que cercam os blocos no carnaval.

(12) Quanto à abertura do Carnaval, além de toda expectativa, Duzinho elogiou a mistura que está por vir. “É um momento para valorizar as manifestações culturais que estarão bem representadas no cortejo inicial”. A maioria dos 500 músicos que participam da abertura não estarão em trios, fazendo jus ao tema da folia deste ano - “Vem curtir a rua”. (03/02/2016)

A conclusão que se pode ter é que o carnaval é um encontro multicultural, não pelo respeito às diversas culturas, nem pela garantia de direitos, mas por uma suposta representatividade que as mais diversas manifestações culturais vão ter na festa. O apagamento das tensões que envolvem o carnaval, sobretudo no que tange ao desrespeito de direitos, ou a inexistência de outros atores sociais que não sejam os privilegiados (empresários, artistas, representantes do poder público, etc.), reforça ainda mais a ideia já apresentada na análise de outros campos semânticos, que é a de que há um convívio harmônico idealizado entre as culturas, de que elas são bem representadas e protegidas.

Para finalizar a análise deste campo semântico, o discurso do jornal, além de reforçar a ideia já discutida de que cultura aparece associada a ideia de um carnaval democrático, que apazigua as diferenças, vai adiante: reforça o mito de que no carnaval todo tipo de preconceito é deixado de lado, quando todos possuem a liberdade de se expressar (sejam eles LGBT, mulheres, negros, etc.), como em (13):

(13) No Carnaval da Bahia, dá-se o oposto, o coletivo se sobrepõe ao indivíduo e ninguém sabe exatamente quais os estratos sociais compõem a multidão na rua; os papéis se embaralham e as hierarquias se liquefazem, e, de repente, os homens se vestem de mulheres, os súditos se tornam reis, o negro recupera sua soberania e domina a avenida com sua exuberante cultura, e a alegria expulsa a frieza do mundo regido pela ótica da mercadoria e do dinheiro. (05/02/2016)

O último campo semântico se refere à *comodificação*, fenômeno discursivo em que há uma sobreposição do discurso econômico sobre os demais discursos. *Cultura* aparece associada a termos que são típicos dos discursos sobre economia: *mercado*, *incentivo*, *venda*, etc. *Cultura* é representada como algo que pode ser consumido, que existe um mercado em torno. Estas noções já foram amplamente discutidas pelos teóricos que analisaram a chamada cultura de massas e a indústria cultural, como os da escola de Frankfurt (Adorno, Horkheimer, Marcuse, entre outros). As análises feitas demonstraram que há uma forte vinculação entre a cultura e a economia, como nos seguintes trechos:



(14) E é isso que acontece no Carnaval de Salvador, uma festa tão profundamente capitalista que nela se vende a alegria, a música, a celebridade, os artistas e até o imaginário cultural, racial e religioso do povo. (05/02/2016)

(15) A tradicional abertura do bloco Olodum, na tarde desta sexta-feira, 5, no Pelourinho, em Salvador, foi marcada por gritos por mais igualdade, tolerância e incentivo à cultura. (05/02/2016)

(16) Foi o momento ideal para o presidente do Olodum, João Jorge, afirmar que o bloco tem dificuldades em obter patrocínios da iniciativa privada. Segundo ele, a lei Rouanet só atende o interesse das empresas e não procura incentivar a cultura. (05/02/2016)

Aqui, o termo *cultura* pode ser relacionado à economia, a movimentações financeiras. Em (14), tem-se o imaginário cultural como algo que pode ser vendido, em que há uma exploração econômica da cultura por parte dos negócios carnavalescos. Em (15) e (16), *incentivo à cultura* está relacionado a uma cobrança feita pelo grupo Olodum, em que se criticou a falta de apoio financeiro por parte da iniciativa privada e da Lei Rouanet que, segundo o presidente do Olodum na época, atende apenas aos interesses das empresas. Então, *incentivar à cultura* aparece como um apoio financeiro.

(17) Mas temos que lembrar que cultura move dinheiro e onde há dinheiro, há bandalheira. (15/02/2016)

Em (17), tem-se que cultura *move dinheiro*, ou seja, existe um mercado cultural. Aqui, observa-se uma relação entre cultura e movimentação de dinheiro, uma característica do capitalismo, que insere a cultura dentro da lógica capitalista.

A partir das análises feitas neste campo semântico pode-se dizer que existe uma relação muito próxima entre cultura e economia, que passa a ideia de que há um mercado cultural ou que cultura pode ser algo que se pode comprar, um verdadeiro produto para ser consumido. Além disso, este campo semântico foi o mais recorrente do *corpus*, o que reforça ainda mais a *comodificação* como uma tendência à mudança discursiva da atualidade, em que há, por exemplo, uma infiltração de termos oriundos dos discursos sobre economia (*incentivo, move dinheiro, PIB da cultura*). Para reforçar:

(18) Não é sem razão que, desde algumas décadas, vem sendo ressaltada a importância que o PIB da cultura e do turismo assume na economia baiana, com especial ênfase em nossa capital, como uma das principais fontes geradoras de oportunidades de trabalho e renda para a população. (17/02/2016)

*PIB* é o tipo de item lexical que faz parte do vocabulário comumente relacionado aos discursos sobre economia, no entanto, em (18), o termo se relaciona com cultura.

## **Conclusão**

Ficou perceptível a partir da análise a diversidade de usos para o termo *cultura* no discurso do jornal *Correio*. Foram feitas análises de 6 campos semânticos, o que evidencia, como já foi dito, a elasticidade do termo. Outro ponto que ficou evidente é a falta de polêmicas que girem em torno das discussões sobre cultura, algo pouco apaziguado na atualidade, mas que no contexto do *corpus* passa a impressão de que não há problemas entre as diferenças culturais, não há problemas de ordem social. Apenas 1 reportagem, entre as 22 analisadas, trata de um tema polêmico: a cultura do machismo.

Outro ponto em evidência na análise foi a tendência à mudança discursiva, a comodificação, em que o termo cultura aparece relacionado à economia. Nesse discurso é construída uma relação entre cultura e termos como incentivo financeiro, investimento, mercado, dinheiro, entre outros. O campo semântico referente a essa relação foi o mais recorrente no *corpus*, reforçando ainda mais a *comodificação* como uma tendência à mudança discursiva da atualidade.

No que tange ao meio de comunicação (no caso, o site do jornal *Correio*), a pesquisa evidenciou uma certa tendência ao conformismo; um impulso para a manutenção do sistema econômico e social. Além de apoiar o *status quo*, deixa-se de levantar questões relevantes sobre a estrutura social, evidenciando que essa tendência ao conformismo advém mais do que não é dito, do que do que é dito explicitamente. Além disso, existe uma tendência à manutenção de certos valores socialmente compartilhados, e o reforço de modelos de comportamento que servem à manutenção do sistema social. Um exemplo claro disso no *corpus* da pesquisa foi uma reportagem que passa a ideia de que se vive em Salvador, pelo menos na época do carnaval, uma suspensão das desigualdades, ideia esta que serve para a construção mítica de que a sociedade brasileira é uma sociedade livre de preconceitos e discriminações.

Por fim, em relação ao carnaval, a análise mostrou que há uma preferência do jornal em construir um discurso sobre a festa como se essa fosse inclusiva e democrática. O *Correio* optou por representar apenas atores sociais privilegiados, sejam eles artistas, pessoas com cargos importantes em instituições públicas ou grupos carnavalescos já consagrados na cidade<sup>8</sup>, o que vai de encontro com a ideia de um carnaval democrático e acessível a todos, onde há a participação de toda a população e a discussão dos problemas já existentes (ocultados pelo jornal). Além disso, é sabido pela maioria das pessoas que vivem em Salvador que existem diversos problemas de ordem social no carnaval, porém o jornal retrata a festa somente de modo positivo, como se tivesse o intuito de fazer uma propaganda sobre o carnaval ao invés de retratar a realidade vivida em Salvador.

O jornal se mostrou um importante apoiador da classe dominante, o que acarreta na necessidade de se informar por mais de uma plataforma midiática. Corroborando com essa necessidade existem diversas mídias que buscam olhar para a cidade de uma forma diferente, como as mídias periféricas que vêm surgindo no Brasil, e se mostram como uma alternativa à grande mídia, combatendo as generalizações que são feitas sobre as comunidades e combatendo, sobretudo, os estereótipos que reforçam o preconceito e a desigualdade.

## Referências

- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2011.
- CHAUÍ, M. *Cultura e Democracia*. 2. ed. Salvador: Secretaria da Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London and New York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade Brasília, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. New York: Longman, 1989.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.
- FOUCAULT, M. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014b.

---

<sup>8</sup> Como o bloco afro Malê Debalê

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. 1º v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

PEIRCE, C. S. Conferência IV: a realidade da terceiridade. In: PEIRCE, C. S.; FREGE, J. G. *Escritos coligidos. Sobre a justificação científica de uma conceitografia. Os fundamentos da aritmética*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 29-35.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. de M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes Editores, 2011.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. Campinas: Contexto, 2016.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2011.

WODAK, R. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso*. v. 4, n. especial, 2004, 223-243.

Artigo recebido em: 28/03/2018.

Artigo aceito em: 29/05/2018.

Artigo publicado em: 02/08/2018.